

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão 50 — Lisboa.

1 DE ABRIL DE 1909

N.º 245



D. Miguel de Bragança

Nasceu a 19 de setembro de 1853. É filho de D. Miguel I, fallecido a 14 de Novembro de 1866,
e da Senhora D. Adelaide Sophia de Loewenstein

D. Miguel de Bragança

A abstenção offerecida pelo Senhor D. Miguel de Bragança foi o assumpto politico mais palpitante da quinzena, podendo affirmar-se, sem receio de desmentido, que ninguem, entre nós, o encarou indifferentemente.

Elogiaram uns o procedimento do principe exilado que, collocando os interesses da patria acima dos seus interesses pessoais e das suas crencas politicas, mostrou desejo de vir para Portugal, afim de colaborar com a sua presença, com o seu prestigio e com o seu conselho, na obra de pacificação de todos os portuguezes, reunindo o maior numero em volta do throno que elle considera como salvaguarda da independencia nacional.

Outros, fazendo reviver velhos odios d'um passado já distante, tem procurado impressionar a multidão no sentido de lhe fazer comprehender que a vinda do Senhor D. Miguel de Bragança trazia consigo o regresso a velhas praticas que, bem vistas as cousas, nada tiveram com a essencia das idéas politicas, porque foram devidas a um estado mais atrazado da civilização e a um periodo excepcionalmente agitado em que de parte a parte se luctou com tanta energia que, algumas vezes, chegou a requintes de crueldade.

E' cedo ainda para desenvolvermos a nossa opinião acerca do assumpto. No entanto uma cousa nos salta á vista — é que o motivo que leva uns a applaudir a idéa é, pouco mais ou menos, o mesmo que arrasta outros a combatel-a. E' porque com a vinda para Portugal do Senhor D. Miguel e de seus filhos, a monarchia, cruelmente dizimada no dia 1 de Fevereiro de 1908, receberia um reforço de tal ordem que não seria facil que as instituições mudassem em virtude de qualquer catastrophe do mesmo ou d'outro genero.

O *Brasil-Portugal*, que já por mais d'uma vez tem prestado homenagem ao valor e ás qualidades pessoas do Senhor D. Miguel, renova n'este momento as suas affirmações.

Politica internacional

Por mais que queiramos occupar-nos de outros assumptos, que seria interessante tratar, a questão dos Balkans continúa a absorver todas as atenções e a monopolisar a actividade das chancellarias, que vêem a todo o momento desfeito o seu persistente trabalho a favor da paz por novos e sempre imprevistos incidentes. A esperanza de hontem converte-se hoje em



A Senhora D. Maria Thereza de Loewenstein e Bragança

Esposa do Senhor D. Miguel de Bragança

Nasceu em Roma a 4 de Janeiro de 1870 e casou a 8 de Novembro de 1893 com o Senhor D. Miguel de Bragança. É filha do Principe de Loewenstein Wertheim Rochefort e Rosenberg, Carlos Henrique, e da Princeza de Liechtenstein, Sophia Maria Gabriella Pia

Filhos

do

Senhor D. Miguel de Bragança (1)**D. Miguel**

Nasceu a 22 de setembro de 1878

desalentado pessimismo. A promette-dora perspectiva, que ha apenas horas nos permittia confiar na solução pacifica da crise, já está a mudar-se no fundado receio de que afinal seja a guerra que tenha de cortar o nó gordio. Nem mesmo no actual momento é possível saber-se em que estado a questão do Oriente se encontra. Apenas os telegrammas nos fallam outra vez em tom bellico, e nos affirmam que a guerra austro-servia é inevitavel. Mas, porque? Não se comprehende bem. Por suggestão, ou melhor, imposição da Russia, a Servia desistiu de insistir mais nas rei-

**D. Maria Thereza***Princesa de Thurn e Taxis*

Nasceu em Oedenburgo a 26 de janeiro de 1881 e casou a 22 de maio de 1900 com o Príncipe Carlos de Thurn e Taxis

**D. Francisco José**

Nasceu a 7 de setembro de 1879

nota do conde de Forgach, prestando-se a entrar em negociações a respeito do tratado de commercio entre os dois paizes. Que quer então mais a Austria? Parece que se devia dar por satisfeita e procurar por todos os modos chegar a um accordo com o pequeno estado slavo, como se harmonisou com a Turquia. Não acontece, porém, assim. Os jornaes austriacos clamam *una voce* que a nota servia não é bastante explicita a respeito da desistencia das reivindicações territoriaes e que portanto não pôde contentar o governo de Vienna. Recla-

**D. Maria Benedicta**

Nasceu a 12 de agosto de 1896

D. Isabel Maria

Nasceu a 19 de novembro de 1894

**D. Marianna**

Nasceu a 3 de setembro de 1899

D. Mafalda

Nasceu a 4 de outubro de 1898

**D. Maria Antonia**

Nasceu a 13 de março de 1903

D. Filippa

Nasceu a 27 de julho de 1905

vindicações territoriaes; ainda por suggestão da mesma potencia e por conselhos da Inglaterra, da França e da Italia, o governo de Belgrado respondeu directamente á

mam por consequencia uma declaração positiva e categorica a tal respeito, sem a qual a guerra é inevitavel.

Ora uma declaração n'estes termos, além

(1) — Além d'estes o Senhor D. Miguel tem ainda mais um filho, D. Duarte, nascido a 23 de Setembro de 1907.

Irmãs
do
Senhor D. Miguel de Bragança



D. Maria Antonia
Duquesa de Parma

Nasceu a 28 de Novembro de 1862
Casou a 15 de Outubro de 1884 com o Príncipe
Roberto de Bourbon, Duque de Parma



D. Maria Thereza
Archiduquesa de Austria

Nasceu a 24 de Agosto de 1855
Casou a 23 de Julho de 1873 com o Archiduque
Carlos Luiz, Príncipe Real da Hungria e da
Bohemia e irmão do Imperador da Austria



D. Maria Aldegundes
Condessa de Bardi

Nasceu a 10 de Novembro de 1858
Casou a 15 de Outubro de 1876 com o Príncipe Henrique
de Bourbon, Conde de Bardi



D. Maria das Neves

e seu marido o Infante D. Afonso, depois da guerra
carlista de 1876

Nasceu a 5 de Agosto de 1852
Casou a 26 de Abril com o Infante de Hespanha
D. Afonso de Este, irmão de D. Carlos VII
de Bourbon



D. Maria Anna

Grã-Duquesa Regente do Luxemburgo

Nasceu a 13 de Julho de 1861
Casou a 21 de Junho de 1893 com o Grão-Duque Guilherme
do Luxemburgo



D. Maria José
Duquesa em Baviera

Nasceu a 19 de Março de 1857
Casou a 29 de Abril de 1874 com o Príncipe
Carlos Theodoro, Duque em Baviera,
e irmão da Imperatriz Izabel de Austria
já fallecida

de desnecessariamente humilhante para a Servia, tem o perigo de não ser accpta pela Skupchtina e de abrir uma crise interna impossível de resolvér, por ser o actual ministerio do rei Pedro composto dos chefes de todos os partidos, quer dizer o representante da unanime vontade nacional. Diz-se agora que a Russia encontrou uma fórmula de harmonisar os desejos da Austria com as susceptibilidades da Servia. Será assim? Dentro de poucos dias o saberemos e só então saberemos tambem

Aguardemos, pois, as noticias que o telegrapho não pôde demorar-se em trazer-nos.

se o perigo da guerra está finalmente afastado de todo e se pôde reunir-se a conferencia internacional, em que a Inglaterra insiste para se modificar o tratado de Berlin tão violentamente alterado pela Bulgaria e pela Austria.



As Infantas D. Isabel Maria e D. Maria Benedita
Filhas do Senhor D. Miguel, vestidas á moda do Minho



A Senhora D. Adelaide Sophia de Loewenstein

Nasceu a 3 de Abril de 1831
Casou com o Senhor D. Miguel I a 25
de Setembro de 1851

ses, que até agora teem estado em lucta, se congraçassem n'uma fórmula que a todos dêsse satisfação. Não é, porém, isso que aconteceu ou vae acontecer. A solução que se dá á questão balkanica não deixa ninguem satisfeito, nem mesmo os que aparentemente sahem victoriosos da presente crise. A propria Austria, que conseguiu fazer triumphar o seu ponto de vista, deve reconhecer que, de hoje para o futuro, a sonhada expansão na peninsula balkanica se lhe tornou impossivel. E não só por esse lado o caminho lhe está fechado, senão que a sua politica interna se modificou completamente pela nova attitudde que vão tomar os elementos slavos do imperio. E' uma verdadeira victoria á Pyrho, que lhe vae custar muito cara.

Mas se a Austria tem razões para ficar descontente, que se dirá da Russia

Supponhamos agora, como ainda persistimos em acreditar, que a Servia mais uma vez cede á pressão russa e que officialmente se harmonisa com a Austria, dando-lhe todas as garantias que ella deseja e fazendo todas as declarações, que ao barão de Aehrenthal aprouver pedir-lhe. Fica assegurada de modo definitivo a paz no Oriente? Tudo leva a crêr que não. E senão vejamos.

Para que a paz pudesse ser duradoura era necessario que os interes-

e da Inglaterra, as duas principaes vencidas, não fallando já da Turquia, da Italia e dos dois pequenos estados slavos, tão duramente sacrificados á intransigencia do barão de Aehrenthal?

Dissémos que a Russia e a Inglaterra eram em toda esta questão as duas principaes vencidas e assim é. Pela primeira vez viram o seu veto desprezado e pela primeira vez patentearam ao mundo a sua impotencia para o fazer respeitar.

A Allemanha sósinha ao lado do «brilhante auxiliari» da conferencia d'Algeciras, foi o bastante para manter em chéque o tão afamado



O Senhor D. Miguel de Bragança
e sua irmã a Infanta D. Maria das Neves

«concerto europeu», que afinal mostrou bem o que vale e como salvaguarda o interesse dos fracos que não teem pelo seu lado mais do que a justiça.

Evidentemente se a Russia estivesse n'outras condições militares, e n'outra situação interior, teria já desembainhado a espada para proteger a Servia e auxiliá-la a resistir á pressão brutal do governo de Vienna. Não o fazendo, antes aconselhando os servios a submeter-se, vê o seu prestigio diminuido e abdica publicamente da missão de protectora dos slavos. Verdade seja que para esta abdicación concorreu e bastante o procedimento dubio da França, que Guilherme II soube captar a proposito com o tão fallado accordo sobre Marrocos, e que durante as diversas phases do conflicto se mostron



Castello de Secbenstein, actual residencia do Senhor D. Miguel

sempre singularmente conciliadora para com a Austria enquanto que a sua alliada cada vez accentuava mais o antagonismo, que a separava do imperio austro-hungaro. A acção da França portanto, que tão precioso auxilio poderia ser para a Russia, foi habitmente neutralizada pela diplomacia allemã, que talvez n'estes ultimos tempos ganhou agora a sua primeira victoria.

Por todos estes motivos a Russia viu-se na impossibilidade de manter pela força o veto que diplomaticamente formulou contra a annexação das duas provincias e a promessa d'auxilio ás reivindicações servias. Pódem as finuras diplomaticas do sr. Isvolsky querer encobrir este desastre politico. Nem porisso elle é menos evidente, nem menos amargamente se fará sentir entre os slavos, que se tinham acostumado a ver na Russia o todo poderoso protector das nações esclavonicas. Que differença entre 1909 e 1877!

Assim, a primeira grande vencida na batalha diplomatica até agora travada no Oriente é a Russia. Vencida nos seus interesses e vencida no seu prestigio e amor proprio de grande potencia. Póde suppôr-se porventura, que mais cedo ou mais tarde ella não procure tirar a desforra da actual derrota?

Depois da Russia a nação que sae mais mal ferida da actual crise balkanica é a Inglaterra. Em primeiro lugar o golpe no orgulho britannico foi grande, ao ter de mostrar ao mundo a sua impotencia

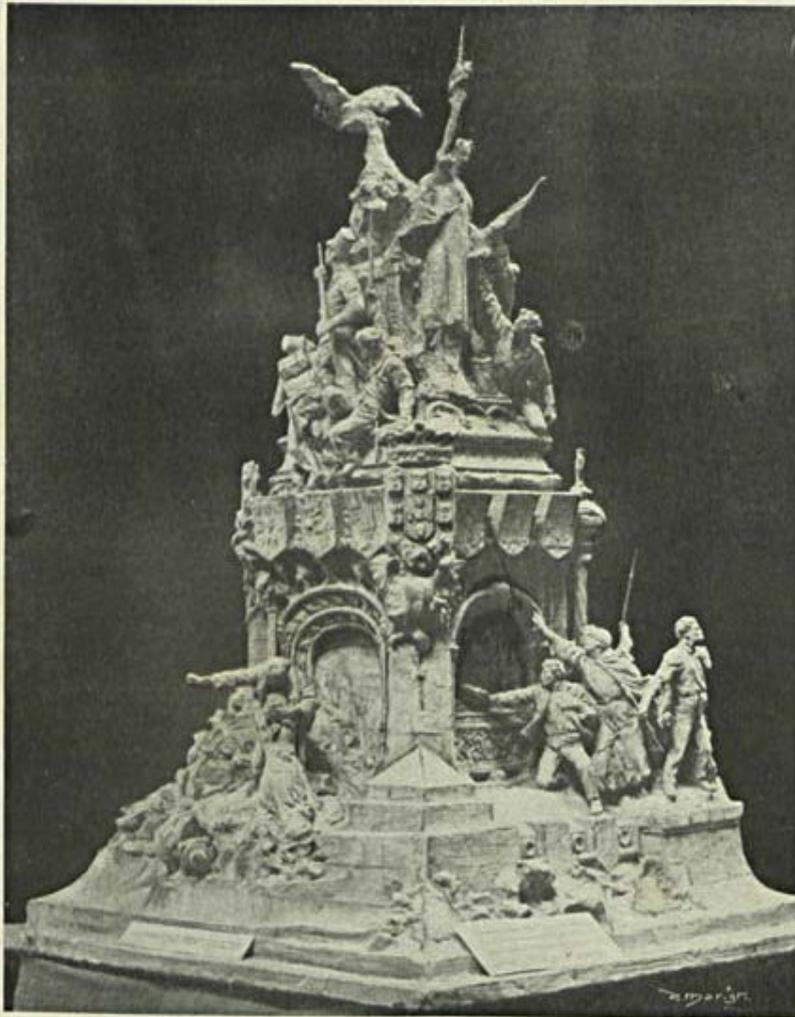
para fazer respeitar um tratado em que estava a sua assignatura e que em grande parte era obra d'ella. Nunca lord Palmerston ou lord Beaconsfield teriam em tal consentido. Os protestos meramente platonicos do sr. Asquith e de sir Edward Grey contra a violação pela Austria do tratado de Berlin só serviram para pôr mais em evidencia a fraqueza do gabinete de Londres. De modo que moralmente a Inglaterra ficou diminuida, perdendo de hoje para o futuro o seu veto aquella importancia, que durante tanto tempo o fazia não só respeitado mas temido no conselho das nações.

E ainda n'este caso foi a defeccção da França, que inutilizou o concerto europeu.

Mas não foi simplesmente no seu prestigio que a Inglaterra perdeu com a actual solução do conflicto balkanico. Foi tambem nos seus interesses, que hoje estão identificados no Oriente com a causa dos jovens-turcos. Dissémol-o sempre e ainda hoje sustentamos, que todo o conflicto originado pela annexação da Bosnia e da Herzegovina não foi mais do que um episodio da porfiada lucta de rivalidades da Allemanha e da Inglaterra. No antigo regimen hamidiano quem dava as cartas em Constantinopla era Guilherme II. Foi a sombra da influencia que elle soube adquirir junto do sultão, que a diplomacia allemã obteve toda a casta de concessões e favores. Alguns annos mais d'este regimen e a situação da Allemanha na Turquia europeia e asiatica seria de tal maneira solida, que nada haveria que a pudesse abalar.

A Anatolia era já mesmo considerada, graças ao caminho de ferro

Centenario da Guerra Peninsular



Concurso para o monumento commemorativo da Guerra Peninsular

Projecto de José de Oliveira Ferreira (escultor) e Francisco d'Oliveira Ferreira (architecto)

(1.º premio)

(Cliché de J. Benoit)

Uma das partes do programma apresentado pela Commissão do Centenario da Guerra Peninsular consistia n'um concurso para um monumento que se projecta erigir em Lisboa, afim de commemorar os feitos heroicos do nosso povo e do nosso exercito durante a campanha da peninsula.

Esse concurso, que representa uma victoria brilhantissima para a escultura portugueza, acaba de realizar-se da Sociedade de Geographia, onde tem estado expostas as «maquettes» apresentadas pelos diversos concorrentes, tendo desfilado deante d'ellas uma enorme concorrencia ali atrahida pelo gosto artistico e por um impulso patriotico.

Na impossibilidade, por fallo de espaço, de darmos aos nossos leitores gravuras de todos os projectos, limitamo-nos a apresentar lhes as dos principaes, devendo notar se que todos são tão importantes, revestindo um tal cunho de arte e uma tão grande vibração de patriotismo, que a Commissão do Centenario tenciona propôr ao governo a compra de todos os projectos para figurarem nos nossos museus militares.

A «maquette» que obteve o primeiro premio é obra dos dois irmãos Oliveira Ferreira, do Porto, dois rapazes de incontestavel talento a quem o recente concurso acaba de rasgar um largo futuro.

de Bagdad, como uma especie de provincia do Deutsches Reich, e a germanisação do imperio ottomano era proclamada como o primeiro passo para a realização do ambicioso programma de expansão mundial da raça teutonica.

Sobrevem então a revolução jovem-turca, que levanta uma inesperada barreira ao *Drang nach Osten*. A influencia da Allemanha soffre rude golpe, e em seu lugar levanta-se a influencia ingleza, que passa a ser sob o actual regimen constitucional preponderante no Bosphoro. Compreende-se que desde este momento a Allemanha só pensou na desforra, para reacquirir a influencia perdida. D'ahi o plano do duplo assalto á integridade da Turquia, por meio da proclamação da independencia da Bulgaria e da annexação das duas provincias pela Austria. Esta duplicada aggressão, preparada a frio, quando circumstancia alguma podia attenuar-lhe o significado, tinha por fim desacreditar o regimen constitucional na Turquia, mostrando-o responsavel pelo desmembramento do imperio, e ao mesmo tempo desacreditar junto dos jovens-turcos a Inglaterra, que se mostrava impotente para defender a integridade da sua nova protegida. O calculo, forçoso é confessal-o, não deixava de ser habil, e em grande parte sortiu os desejados effeitos. A Inglaterra foi vencida diplomaticamente, porque lhe faltou o apoio da outra parceira da *entente cordiale*. Por detraz da Austria esteve sempre a Allemanha, assim como por detraz da Servia estiveram sempre a Russia e a Inglaterra. O que se viu era apenas o episodico. O que se não via era o fundamental.

Assim, vencidas a Russia e a Inglaterra, e profundamente humilhadas as duas pequenas nações servias, a paz balkanica que se vae ultimar com o accordo entre Vienna e Belgrado, não satisfaz ninguém. A propria Italia está descontente, porque não pôde ver com bons olhos qualquer vantagem que obtenha a sua alliada na peninsula balkanica, vantagem que se traduzirá sempre por uma diminuição da influencia italiana n'aquella região. E quanto á França, estará ella, no intimo, contente com o papel que representou? Não ha duvida que o governo do sr. Clemenceau vendeu pelo prato de lentilhas do accordo marroquino a situação, que de direito lhe pertencia de defensor da boa fé dos tratados e de protector das justas reivindicções dos

slavos balkanicos. Fez bem? Fez mal? Moralmente perdeu muito. Mas terá ganho ao menos materialmente? Pela nossa parte estamos convencidos que não ganhou. O tão apregoado accordo com a Allemanha a proposito de Marrocos ainda ha-de ser causa de mais de uma desillusão para os patriotas francezes. E' a nossa convicção.

Consiglieri Pedrosa.

O general Silveira

A nobre e antiquissima villa de Chaves, a rainha do formoso valle do Tamega, vestiu-se de gala para festejar de 20 a 26 do corrente o anniversario da sua libertação, devida á gloriosa espada de um dos generaes mais distinctos e valentes da guerra peninsular, o brigadeiro Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, futuro conde de Amarante, em justo galardão dos seus feitos militares contra os exercitos napoleonicos.

Transmontano de origem, pertencendo a uma familia aristocratica dos suburbios de Villa Real, contava entre os seus maiores o celebre Antonio da Silveira, um dos heroes portuguezes que por feitos illustres immortalisaram o seu nome na conquista da lndia.

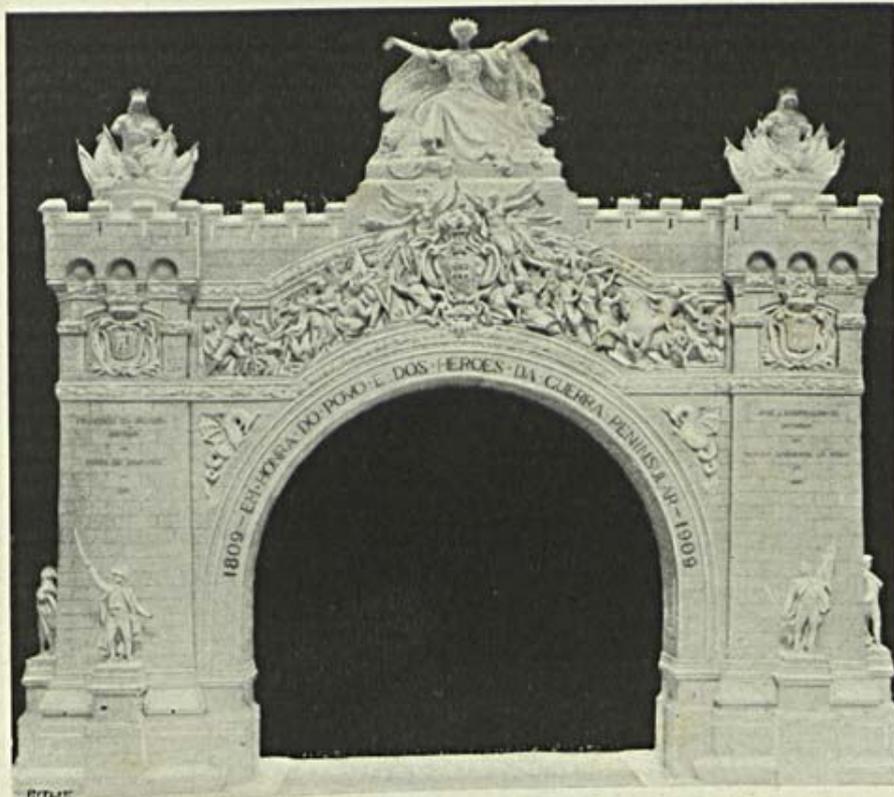
Transmontano de origem, pertencendo a uma familia aristocratica dos suburbios de Villa Real, contava entre os seus maiores o celebre Antonio da Silveira, um dos heroes portuguezes que por feitos illustres immortalisaram o seu nome na conquista da lndia.

O atavismo de raça manifestara-se exuberantemente em Francisco da Silveira, que havia herdado d'este seu avoengo as indomitas qualidades de bravura, audacia, a nobre altivez e a coragem viril que o tornaram o idolo dos povos transmontanos, onde o seu prestigio attingiu o maior auge durante a guerra peninsular.

As campanhas de 1808 a 1814 proporcionaram largo ensejo para se evidenciar as notaveis qualidades de Silveira.

Havendo dado a sua demissão de tenente coronel de cavallaria, o grande patriota transmontano secundou o movimento insurreccional que o grito de guerra do general Sepulveda em Bragança fizera alastrar por todo o norte do paiz.

Silveira fez as suas primeiras armas capitaneando grupos de populares que prepararam á columna franceza de Loison a emboscada dos Padrões da Teixeira, feito que a junta do supremo governo do Porto promovendo-o a coronel para cavallaria 6, corpo que então se reorgani-



Centenario da Guerra Peninsular. — CONCURSO PARA O MONUMENTO COMMEMORATIVO
Projecto de Ventura Terra
(2.º premio)



Centenario da Guerra Peninsular. — CONCURSO PARA O MONUMENTO COMMEMORATIVO
Projecto de José Simões de Almeida (sobrinho), escultor, e Costa Campos, architecto
(3.º premio)

sára e com o qual fez parte da vanguarda do exercito que, sob os ordens de Bernardim Freire, marchou do Porto sobre a capital depois do desembarque do exercito inglez na praia de Lavos.

Restaurado o governo legitimo em Lisboa, foi Silveira promovido a brigadeiro, e mais tarde encarregado do governo militar da provincia de Traz-os-Montes por carta regia de 15 de fevereiro de 1809.

No desempenho d'este importante cargo deu provas das suas notaveis qualidades militares, revelando um grande tino no momento da irrupção dos francezes em Chaves, em março do mesmo anno, mantendo-se n'uma attitudo expectante, n'uma systematica defensiva, evitando um recontro decisivo com o exercito francez, cuja superioridade esmagadora só poderia conduzir a um desastre inevitavel as forças de Silveira, se imprudentemente as arriscasse n'uma empreza temeraria.

Deixando internar o marechal Soult nos desfiladeiros de Salamanca e chegando mesmo a picar-lhe a sua guarda da retaguarda, Silveira voltou sobre os seus passos, cahindo rapidamente sobre Chaves, que recuperou no fim de quatro dias de cerco rigoroso, aprisionando 1:400 francezes e tomando doze peças de artilharia e oitenta cavallos.

A defeza da ponte de Amarante é um dos mais brilhantes feitos das armas portuguezas na guerra peninsular; é o principal florão da gloria militar do general Silveira.

Durante 14 dias de lucta porfiada resistiu este general aos repetidos e impetuosos assaltos das aguerridas hostes imperiaes, sustentando uma defeza pertinaz, homericca, contra forças superiores em numero e em disciplina, que o marechal Soult reforçava dia a dia com poderosos elementos, desesperado de ver interceptada por forma tão resistente a sua presumivel linha de retirada sobre a Castella Velha.

Ataques á viva força, passagens de vaus e lançamento de pontes de campanha tudo foi impotente para vencer a heroica resistencia das tropas de Silveira dispostas a montante e a jusante da ponte, sempre vigilantes, sempre aprestadas para repellar vigorosamente as reiteradas tentativas do inimigo para passar á margem esquerda do Tamega.

A lucta das artilharias adversas era viva, encarnizada, atroando de continuo os ares com o seu estampido aterrador, que os echos repetiam pavorosamente nas serranias proximas; os projecteis sibilavam incessantemente e os assaltos ás obras defensivas da ponte succediam-se com frequencia, repetiam-se a miudo, de dia e de noite.

A tudo resistia, porém, a inabalavel constancia dos nossos soldados, a infatigavel vigilancia dos chefes, a heroicidade de todos.

Na margem esquerda corações portuguezes pulsando entusiasticamente pela defeza do sólo patrio; na margem direita quasi a metade do exercito francez com sete generaes em conselhos repetidos, com a assistencia de engenheiros distinctos e dos officiaes do estado maior de Soult, que a impaciencia d'este fazia correr pressurosos a Amarante com novos reforços para se resolver sem demora a instante questão da tomada da ponte, que estava preocupando no mais alto grau o marechal francez, receoso de ver cortada a sua provavel linha de retirada. Os moldes estreitos a que temos de subordinar este artigo não nos permitem descrever circumstanciadamente os episodios sensacionais d'esta lucta de valentes, d'esta resistencia de heroes animados do mais acrisolado patriotismo que pôde inflamar peitos portuguezes. Bastará registar que esta lucta titanica durou ininterrompidamente quatorze dias, desde a noite de 18 de abril á madrugada de 2 de maio em que, mercê do nevoeiro densissimo, o inimigo conseguiu

encostar ás trincheiras da testa de ponte algumas barricadas de polvora que, pela sua explosão inesperada, abriram larga brecha por onde passaram os granadeiros francezes em assalto vigoroso que, pelo inopinado da empreza, desorganizou a resistencia.

Silveira com a maior parte das suas forças retirou sobre Entre Rios passando para a margem esquerda do Douro, onde ficou viagiando as principaes passagens d'este rio até á Regoa.

Alguns dias depois retomava a offensiva em cooperacao com as tropas do general Bacellar, reoccupando novamente Amarante, que Loison abandonara retirando precipitadamente sobre Guimarães.

A brilhante defeza da ponte de Amarante valeu a Silveira a promoção a marechal de campo e mais tarde o titulo de conde de Amarante.

Nas campanhas dos annos seguintes, Silveira distinguiu-se notavelmente nas acções de Puebla de Sanabria, e de Valverde, em que bateu os francezes fazendo-lhes muitos prisioneiros, desenvolveu uma rara energia mostrando um grande valor na defeza da linha do Douro contra as habeis manobras do general Claparede, que intentava apoderar-se do Porto por um audacioso golpe de mão.

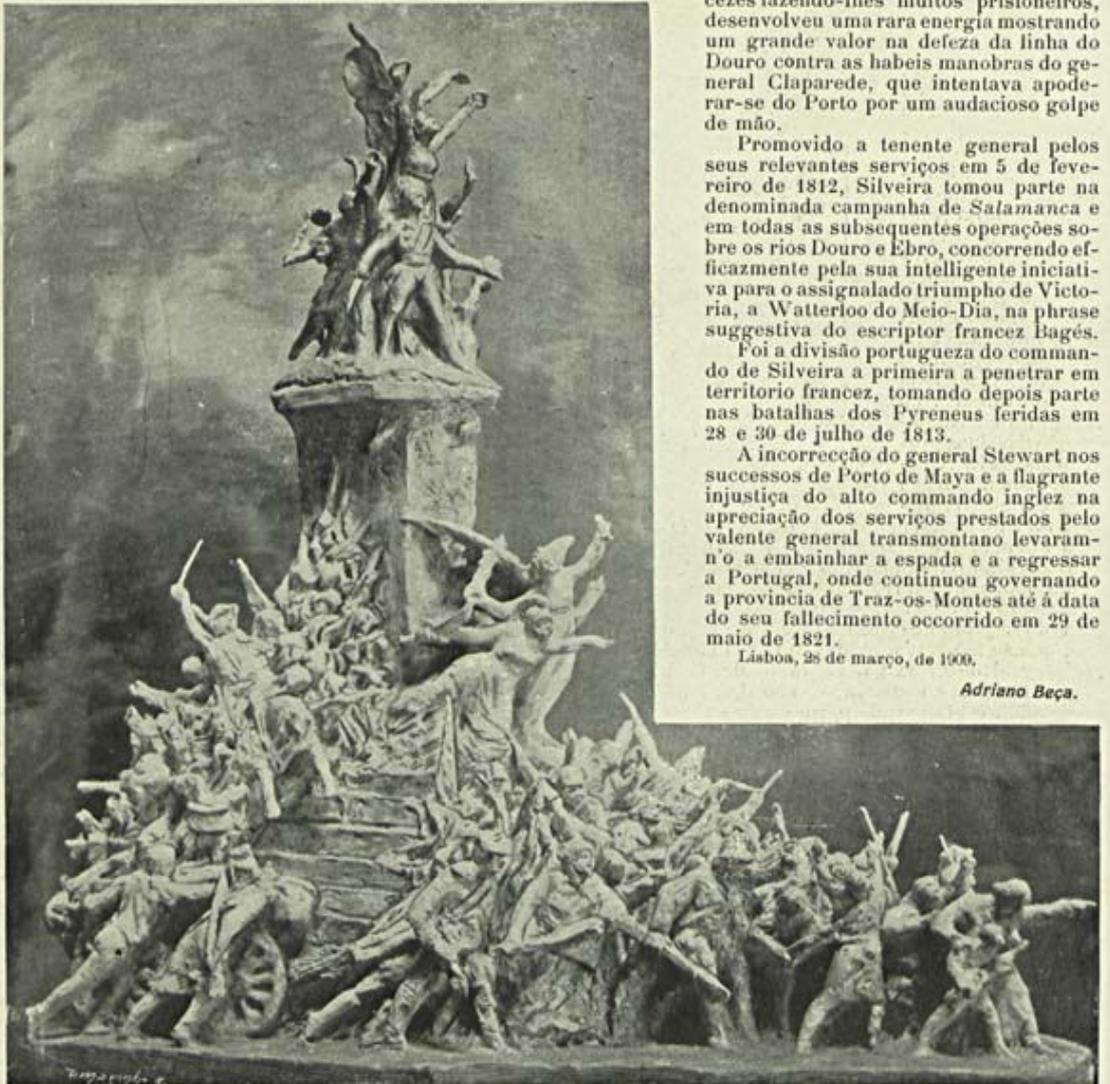
Promovido a tenente general pelos seus relevantes serviços em 5 de fevereiro de 1812, Silveira tomou parte na denominada campanha de Salamanca e em todas as subsequentes operações sobre os rios Douro e Ebro, concorrendo eficazmente pela sua intelligente iniciativa para o assignalado triumpho de Victoria, a Watterloo do Meio-Dia, na phrase suggestiva do escriptor francez Bagés.

Foi a divisão portugueza do commando de Silveira a primeira a penetrar em territorio francez, tomando depois parte nas batalhas dos Pyreneus feridas em 28 e 30 de julho de 1813.

A incorrecção do general Stewart nos successos de Porto de Maya e a flagrante injustiça do alto commando inglez na apreciação dos serviços prestados pelo valente general transmontano levaram-no a embainhar a espada e a regressar a Portugal, onde continuou governando a provincia de Traz-os-Montes até á data do seu fallecimento occorrido em 29 de maio de 1821.

Lisboa, 28 de março, de 1900.

Adriano Beça.



Centenario da Guerra Peninsular. — CONCURSO PARA O MONUMENTO COMMEMORATIVO
Projecto de Francisco Germano de Salles

(Cliché de J. Besollet)

(1.ª menção honrosa)

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

A arte portugueza n'este principio d'anno. A «Burguesinha», de Augusto Machado. Os «Postiços», de Eduardo Schwalbach. «Envelhecer», a nova peça de Marcellino Mesquita. O projecto do monumento commemorativo da guerra Peninsular, dos irmãos Oliveira Ferreira, do Porto.

Nem tudo são fracassos n'esta boa terra portugueza! Louvado Deus, se o anno caminha mal, ensombrado de nuvens, de mau cariz, borrascoso, para os srs. politicos, que continuam jogando as cristas como soberbos gallos que disputam o mesmo poleiro, sob o ponto de

vista artistico não temos senão que felicitar-mo-nos pelos bellos inicios d'este anno de 909.

A parte outros, de menor importancia mas nem por isso de pouca significação, alguns acontecimentos se tem produzido a compensarem-nos do desalento e amargura em que todos vivemos na atmos-

Dorias se não affirmao n'este seu novo trabalho progressos sensiveis, manteve, pelo menos, os solidos creditos de que gosa, dando o possivel relevo musical a um libretto falho de interesse pela carencia de situações sempre necessarias na obra theatral. A novella de Soulié, d'onde foi extrahido esse libretto, é uma obrasinha molle e pallida,



CONDE DE BURNAY

(19 de março de 1909)

N'este interessante grupo vê-se o sr. Conde de Burnay e sua esposa acompanhados de muitos dos seus netos

phera suffocante da politica nacional, que muito a custo se supporta. Assim, em S. Carlos, depois de uma *reprise* festejadissima do *Amor de perdição*, a notabilissima opera de João Arroyo, tivemos a representação do novo trabalho de Augusto Machado, a *Burguesinha*, recebido com agrado pela critica official e sem os reparos do estylo da critica officiosa. O musico impecavel da *Laureana* e dos

sem elevação, e de um sentimento quasi nullo. D'ahi, portanto, deriva naturalissimamente, a falta de *effeitos* musicaes que se nota na *Burguesinha*, que tem, no entanto, trechos modelares, já de inspiração, já de orchestração, estes ultimos postos em superior relevo pela festejadissima batuta do grande *maestro* que é o sr. Mugnone.

Augusto Machado não é um musico que trabalhe muito, mas tra-

balha sempre bem. E' um fanatico da sua arte. A ella tem consagrado as melhores horas da sua vida e até os seus haveres. Intelligentissimo, espirito muito culto, sabedor como poucos e modesto como pouquissimos, a sua obra não muito vasta mas brilhante é já superior em quantidade e qualidade á de muitos que lá fóra gosam uma facil notoriedade que o snobismo, o ambiente em que vivem e o reclame, garantem a certos felizes. D'elle ha a esperar muito. Lá para outubro teremos outra partitura sua, a do *Espadachim do Outeiro*, de Lopes de Mendonça, que Alfonso Taveira quer pôr em scena

Duello Espregueira-Caeiro da Matta



O sr. Espregueira e os seus padrinhos, conselheiros Mathias Nunes e Moreira Junior

com toda a propriedade. Alligura-se-me um novo triumpho para Machado, que pelas suas altas faculdades de artista tudo merece.

Fallando de Eduardo Schwalbach eu devo, lealmente, dar-me por suspeito. Tenho por elle o que se chama — «um fraco». Pelo homem, pelo escriptor, pelo funcionario, pelo deputado. Porque Schwalbach para tudo ser n'esta terra, até é deputado da nação. Ai d'elle! ai de nós!

E' um *charmeur* e, como tal, um triumphador. E' o que tem querido ser e ha de ser o que lhe der na tineta. Não tenham duvidas a este respeito porque perdem o tempo e o feitio. Bem, fiquemos n'isto. Só voltaremos ao assumpto, d'aquí a muitos annos, quando eu e o



Duello Espregueira-Caeiro da Matta

O sr. Caeiro da Matta e os seus padrinhos, conselheiros Anselmo d'Andrade e José d'Azevedo Castello Branco

leitor, com os olhos mal enxutos, regressando dos Jeronymos, onde o teremos deixado em cavaco ameno com os que já lá estão, ainda tivermos os ouvidos cheios do que d'elle dirá um prestigiosissimo orador que ainda não nasceu e que ha de exaltar os seus incontestaveis meritos desde os tempos remotos em que foi aspirante de caval-



Duello Espregueira-Caeiro da Matta. — Os dois adversarios no momento de ser dada a voz de fogo



Madame Adam

A illustre escriptora franceza, actualmente em Lisboa, está recebendo homenagens de jornalistas e homens de letras tão effusivas como aquellas que lhe foram tributadas quando, ha annos, Madame Juliette Adam visitou Portugal pela primeira vez. Ficou memoravel o banquete por essa occasião offerecido no Hotel Bragança á escriptora insigne.

laria até o momento de deixar este mundo em presidente do conselho de ministros.

Ora Schwalbach que ha annos não apparecia em theatro como escriptor, vem de obter um grande, um enorme e justificado successo com a sua nova peça os *Postiços*, em scena no theatro de D. Amelia. Dizer o que é e o que vale o novo trabalho do brilhante comediographo é tarefa que incumbe ao critico de especialidade. Para a respectiva secção remettemos o leitor. Mas seja-me permittido registrar aqui, embora fugidamente, o novo triumpho alcançado pelo illustre homem de letras, que tanto talento tem esbanjado no theatro nacional, tendo como compensações algumas salvas de palmas, meia duzia de photogravuras em jornaes e outras tantas caixas de charutos de amigos pessoases.

Que fim visam os *Postiços*? disse Schwalbach ao *reporter* de um diario de Lisboa que o entrevistou, querer com a sua nova peça exaltar a liberdade individual, a posse de nós mesmos. Conseguiu, não conseguiu esse fim? A este respeito ha opiniões e a minha não tem cabimento visto como já dei homem por mim.

Mas sobre o trabalho propriamente dito do homem de theatro a opinião é unanime: esse trabalho é superior. Schwalbach deu-nos, não uma, mas duas peças. O primeiro e quinto actos com um outro que o auctor pode escrever com a maior facilidade constituem uma soberba peça. O terceiro, quarto e quinto constituem, sem alteração de uma virgula, uma outra peça de intuitos e feito inteiramente diversos, mas não menos valiosa pelo que representa de observação, de faculdades criticas e sobretudo do grande poder de technica que o auctor possui.

Esta peça deve ter estomagado alguns espiritos superiores que para ali vivem amarguradissimos com a decadencia do theatro nacional. Effectivamente está sendo difficil apurar no meio da grande producção um só trabalho viavel. Por isso mesmo deve ter dado na fraqueza de suas excellencias esta peça, que é um verdadeiro ovo de duas gemas.

Amigos de Peniche e senhores meus: para fazer o deputado socialista do *Roi* juntaram-se de Flers, Caillavet e Arene. Sahu uma bella caricatura. Para fazer o Pinto Bemfeito dos *Postiços* foi apenas preciso um portuguezinho valente. Sahu aquillo que vós já vistas: uma figura não em ligeiro esboço de caricatura, mas toda ella desenhada, completa, humana, perfeita. Esse Pinto, se é Bemfeito de apellido, é muito bem feito como personagem de comedia. Tão bem feito que faz esquecer o outro.

Relativamente ao primeiro e quinto actos da peça, dir-vos-hei que é do melhor que ha no genero. Armar ao sentimento de gente bem jantada sem *trucs* grosseiros nem pieguices é obra que não é dado a todos executar.

Marcellino Mesquita, o grande dramaturgo, veio fechar com chave d'ouro a época theatral, dando-nos no popular theatro da rua da Palma a sua mais bella peça: *Envelhecer*. São quatro actos admiraveis, curtos, sobrios, feitos simplesmente com tres, quatro dialogos em que se diz o preciso, magnificamente escriptos, modelares.

Este homem que ha vinte e cinco annos affirma entre nós uma poderosa individualidade litteraria, através dos attrictos inevitaveis do meio, bisbilhotices de *cotterie*, invejas mesquinhas, intrigas de bastidores, passando por entre tudo isso com a sobranceira do seu

altivo character e a consciencia do seu muito valor, tem sido accusado de usar e abusar de *trucs* e cordelinhos na factura do seu theatro empolgante e dominador como o de nenhum outro auctor nacional. Elle deixou sempre correr em julgado a accusação e nunca se defendeu d'ella, antes a aggravava a cada momento com o seu eterno sorriso sarcastico. Limitou-se, de vez em quando, a fazer a sua partida aos integerrimos magistrados accusadores. Atirou-lhes os *Castros*, a *Dór suprema*. Entretiveram-se com isso e Marcellino foi mantendo o tempo com partidas de *bridge*, fumando cigarros e escrevendo romances historicos.

Um bello dia, ha dois ou tres mezes, apeou-se do comboio, que o trouxera do Cartaxo, na estação do Rocio, com um pequeno manuscrito na mão. Pouco depois, ia eu a sahir do Gremio Litterario, entrava elle.

— Como estás tu?

E ao porteiro que se levantara para o cumprimentar, extendendo-lhe o rolo:

— Guarda-me isso ahí...

E voltando-se para mim:

— E' a minha nova peça.

E enfiando para o bilhar, poz-se em mangas de camisa a jogar uma partida com o marcador, em vez de ir dizer aos srs. jornalistas que tinha alli uma peça, que lhe ouvissem um bocadinho de ouro do segundo acto, que não se esquecessem de dizer duas palavras sobre o valor da obra... Incurrigivel diabo!

A peça lá está em scena no Principe Real com um exito extraordinario, a despeito da simplicidade da sua fabula e dos processos de factura, desprovida em absoluto de carpinterias grosseiras, impondo-se pelo seu real valor, incontestavel e incontestado, a um publico que não é dos mais cultos. Está n'isso o seu maior elogio.

Eu bem desejava dizer-lhes toda a minha admiração e todo o meu orgulho por essa outra obra dos irmãos Oliveira Ferreira, do Porto, que é o projecto do monumento commemorativo da guerra Peninsular e que acaba de ser approvado n'um notavel concurso. Mas escasseia-me o tempo e o espaço. E, melhor do que eu diria, falará bem alto a reproducção d'essa obra d'arte que o *Brasil-Portugal* certamente dará aos leitores.

O monumento é de uma concepção extraordinaria e a execucao é simplesmente surpreendente pelo poder expressivo das figuras. E' um poema em pedra. E' uma admiravel obra d'arte.

E por aqui me fico, pensando no triste fado d'esta nossa querida terra, entregue a uma maioria que estraga com os pés o que os outros fazem com a cabeça...

CAMARA LIMA.

A medalha de Propaganda de Portugal



E' de prata dourada tendo o escudo portuguez esmaltado nas suas côres sobre fundo que, na parte superior, apresenta oito estrelas, representando as oito provincias, sobre ceu azul; aos dois lados do escudo um ramo de rosas e outro de laranjas, as flores e os fructos portuguezes. Na parte superior o titulo da Sociedade, e na inferior a divisa *Pro Patria Omnia*.

O verso é dourado fosco, tendo a letra polida o titulo e a data da fundação.

A medalha usa-se de tres fôrmas: pendente do pescoço em uma fita de moirée branco com uma facha azul, ou pendente de um cordão grosso de seda tambem de côres nacionaes, ou finalmente do lado esquerdo da casaca presa por um pequeno laço da mesma fita.

A execucao é primorosa e foi feita na officina do sr. João Anjos.

A direcção da Sociedade teve varias propostas estrangeiras para a cunhagem da medalha mas preferiu entregal-a á industria nacional.

Romper d'Alva

Alberto Monsaraz

O Brasil-Portugal presta hoje a um poeta novo a devida homenagem. N'estas mesmas columnas, não ha muitos dias, era acolhida e celebrada com justas palavras de louvor a *Musa Alemtejana*. Hoje cabe a vez ao *Romper d'alva*. Livros para lér e sentir, tendo inscriptos no seu frontispicio, o primeiro o nome do pae e o segundo o do filho. No conde de Monsaraz revelava-se por uma nova manifestação de talento poetico o estro e a fórma. A impressão que nos deixou esse livro, tão sentido, tão regional, tão característico e tão portuguez, aqui a expendemos com a sinceridade devida ás bellas obras d'arte. Aparece-nos agora o *Romper d'Alva*, e se não léssemos á frente d'elle o nome de Alberto Monsaraz, com a mesma sinceridade diríamos, feita a leitura de todas as suas paginas adoraveis, que era obra de um poeta feito e consagrado. Impeccaveis os versos, o rythmo sempre cadenciado, as rimas accudindo espontaneas, e ricas por vezes, a ideia e o sentir



Alberto Monsaraz

vasados em todos os moldes portuguezes da metrificacão, quem hade suppôr que sejam essas as primeiras producções poeticas de um espirito juvenil, de um moço estudante de direito, que tem conquistado sem favor as primeiras classificações universitarias!

Alberto Monsaraz vem provar que não é só aos doutores que as musas não fazem damno. Tambem, ao que se vê, o não fazem aos estudantes, que podem ser os mais distinctos do seu curso, e ao mesmo tempo tomarem logar *par droit de conquête* entre os mais distinctos poetas do seu tempo.

Para João Penha, Crespo, Junqueiro, Eça de Queiroz, Anthero do Quental, Macedo Papança, coincidiram com os primeiros actos de direito as primeiras glorias litterarias, mas não logrou nenhum d'elles entrelaça-las com os laureis academicos. A excepção de João Penha, que só depois de deixar a Universidade se entregou de corpo e alma ao estudo do direito, nem antes nem depois nenhum d'aquelles nomes illustres vinculou a sua individualidade a qualquer triumpho juridico, qualquer gloria forense, qualquer nomeada de jurisperito!

Seria por acharem todos elles indigesto o *Digesto*, ou porque emfim de *minimis non curat proter*? O que é certo e o que de um modo fundamental caracteriza Alberto Monsaraz é a sua aptidão para o estudo e a sua vocação para a arte, tão bem conjugadas entre si que dão simultaneamente um estudante laureado e um poeta de valor.

Ahí está esse formoso livro cheio de frescura, cheio de mocidade, cheio de ideal. Um relampago de tristeza, de dôr e de saudade atravessa-o aqui e além, e o poeta, que não tem ainda vinte annos, e que tem da vida todos os gozos e todos os confortos que ella prodigalis aos seus eleitos, encontra no teclado do coração notas doloridas, que provam uma organização superior e affirmam um cerebro que pensa e uma alma que aspira, pois se não deixam supplantar pelas regalias da mocidade facil nem pelos favores de uma existencia doirada.

O *Romper d'alva* apparece mais como uma realidade do que como uma esperanza. Quem tão bellamente, n'uma arte tão sincera e tão nobre, dá fórma ao sentir, dá expressão ao pensamento, é alguem. N'essas duzentas paginas que encerram tres annos de vida psychica ha mais que o estofó lyrico de um poeta, ha a sentida vibração de um espirito elevado e de um bem formado coração, ha a manifestação de uma intelligencia que se abre em luz. A leitura d'esses versos, de fórmas tão varias e de tão differentes assumptos, deixou-nos uma impressão como ha muito não temos em frente da primeira obra de um poeta. Pouparamol-o á banalidade de felicita-lo, mas não nos poupámos ao prazer intimo de felicitar aquelle que pode tomar para si a phrase do velho Dumas:

«O meu filho é a minha melhor obra».

Ao *Romper d'Alva* arrancamol-o ao acaso uns versos. Serão estes:

A Primavera

Vem, meu amor, que eu estou á tua espera:
O sol inunda o campo e afoga em oiro
O verde coração da primavera.

Brilham as giéstras e olha, meu thesoiro,
Os trigaeos estão loiros, mais ainda,
Se é possivel, que o teu cabello loiro.

Um sopro irregular de aragem vinda
Lá das bandas do sul, de quando em quando,
Anima esta paizagem fresca e linda.

Tudo anda alegre, alegre como eu ando
Sempre que essa tua alma aberta e clara
Ao lado da minha alma vae sonhando...

O' meu amor, não vês ao longe a ceára?
Espigas, tanta espiga até parece
Que foi a tua mão que as semeára!

Nos campos tudo acorda e tudo cresce:
Já florescem as rosas no jardim
E o laranjal da horta já floresce.

Junto das moitas verdes de alecrim,
Pelas verdes ramadas trepa a hera...
Olha, o mar de verdura não tem fim!

Bemdito seja o deus da primavera!

Vem, meu amor, ai vem, que eu estou á espera,
E sinto a primavera dentro em mim!

Alberto Monsaraz.

THEATROS

D. Amella, Os postigos. — Principe Real, Envelhecer

Dois originaes portuguezes, ambos de valor já consagrado, assignalaram a quinzena decorrida.

Na comedia drama em cinco actos: *Os Postigos* que tão brilhante carreira tem feito no **D. Amella**, poz Eduardo Schwalbach todo o seu talento de escriptor de theatro, como se quizesse demonstrar que andam sempre enlaçados pela vida adiante o drama e a comedia, e que tão facil lhe é, a elle, dar expressão ao sentimento dramatico como reproduzir até á *charge*, essas figuras vividas de comediantes que constituem uma parte importante da sociedade contemporanea.

O primeiro acto de *Os Postigos* é um formosissimo esboço do drama que tem no ultimo o seu remate sentimental, o seu logico e theatral desenlace. E n'esse drama avultam, e salientam-se os seus lances sensacionais, justamente porque rompem da comedia, da comedia viva, hilariante, em que os ditos de espirito fuzilam, em que se vêem desfilar personagens que vivem da mentira, da convenção, da impostura, como dezenas d'ellas que nós conhecemos cá fóra, em que as situações mais comicas se succedem, em que os effectos mais theatraes nos empolgam a attenção e nos alegram o espirito.

Consideramos por isso *Os Postigos*, uma bella obra d'arte, um trabalho litterario de subido valor, uma peça completa, em que ha observação, verdade, graça, sentimento, e sobretudo... talento.

Envelhecer... é, para nós a obra melhor de Marcellino Mesquita, a melhor porque é impeccavel.

A historia de um sentimento profundo, absorvente, dominador, não se pode fazer mais nobremente, mas sinceramente, nem com maior arte e grandeza.

Mesquita, que tem a paixão, e hoje, a sciencia do theatro, é completo na sua obra, a que Brazão, Ferreira da Silva e Maria Falcão tão brilhante relevo conseguiram dar, nas representações que ella tem tido no **Principe Real**. Como aos nossos olhos vae desfilando toda a gamma do sentimento, que justeza de proporções, que variedade de tons, que poder de linguagem, que logica de argumentação! A acção, que é ligeira, afinal, é sabiamente conduzida, e a paixão que começa a invadir o coração d'esse homem de cincoenta e tantos annos, e o arrasta até ao suicidio, está plenamente justificada pela dignidade e nobreza de caracter que o auctor imprimiu a essa figura tragica de abnegação e de amor, a esse homem que não quer perder aquella cujo espirito educou, cujo coração preparou, cujo criterio é formado pelo seu conselho e pelo seu affecto.

Não estamos fazendo a critica de *Envelhecer*. Nestas columnas queremos apenas deixar consignado o nosso mais vivo e incondicional applauso ao trabalho admiravel de Marcellino Mesquita, que tão poderosamente acaba de firmar as suas grandes qualidades de escriptor dramatico.

Damos a seguir um trecho de *Os Postigos* e outro de *Envelhecer*... Damos tambem trez gravuras das melhores scenas da *Serrana*, actualmentem na **Trindade**, e de cujo exito falámos no numero anterior.

“Os Postiços,”

ACTO I — *Scena 4.*

ANTONIO E MARIA

MARIA

Ouve, meu querido, meu adorado Antonio, durante toda a minha vida te ficarei grata, mas perdoa-me, não quero casar. Tenho medo!

ANTONIO

Como?

MARIA

Não devo casar, nem quero casar. O' meu amor, para onde vò a nossa liberdade? Vivendo assim, é que eramos livres. Porque havemos de casar? Por causa dos outros? E' já a sujeição, é enlearnos nas malhas d'esse mundo, que, tantas vezes, te oigo combater por suas convenções e injustiças e de que tenho medo! Deixa-me a liberdade, peço-te. Deixa-me andar atrás de ti pela vida, como corria atrás de meu pae por essas terras fóra; deixa-me o ar livre! Não me abafes; deixa-me respirar! E que diriam de ti e de mim? A mim chamar-me-iam uma exploradora; a ti... Deixa-me a liberdade, peço-te!

ANTONIO

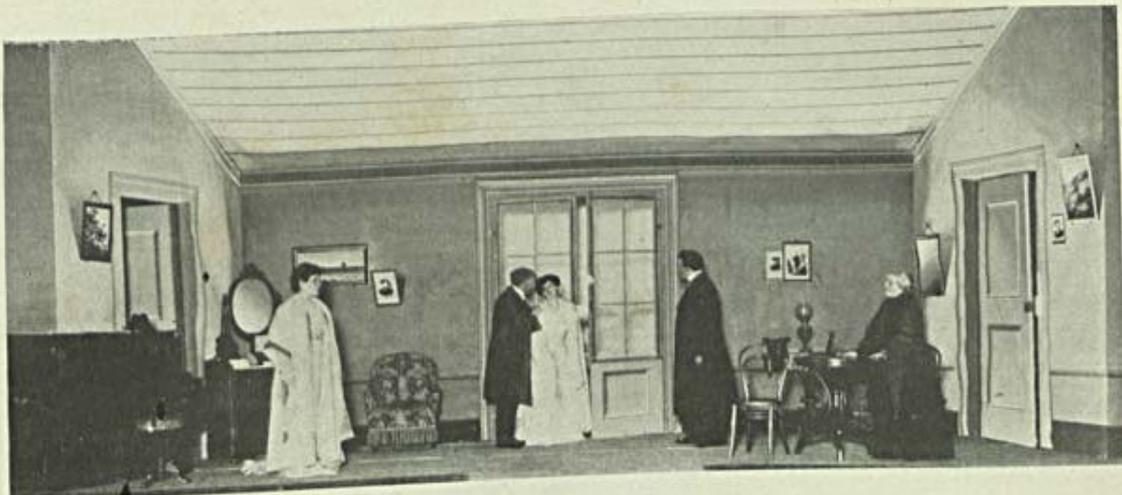
Fui-te então desagradavel?



Eduardo Schwalbach
Auctor de «Os Postiços»



D. AMELIA. — “Os postiços”, — 4.º acto



“Os postiços”, — 5.º acto

MARIA

Pensa nos amantes que tive durante esse anno de theatro e de leviandades. A'manhã um ou outro deparam-se-nos no caminho. Eu affronto-te sem querer; tu, se o souberes, envergonhas-te e irritas-te, embora m'o occultes. A mulher que teve um amante pode casar com esse homem; a mulher que teve amantes continua a ser amante. (*Antonio vae a protestar*). Bem sei o que vaes dizer-me: tu és bom, tens uma alma pura e uma intelligencia desembaraçada, és justo, mas os teus inimigos, que has de tê-los, atirar-te-ão á cara os meus amantes como bofetadas.

ANTONIO

Ouve, Maria. Tu vaes casar commigo. E vaes casar, porque, de contrario, não me terás mais. Era uma injustiça ao meu amor e um aggravamento ao meu caracter. Tudo pesei, em tudo pensei, e o resultado foi sempre: — casar contigo. (*Terno e envaidecido*). Além disso, tu és a minha obra, a minha grandiosa obra. Eras um casebresito e d'elle fiz uma torre de marfim! Tu não te pertences já. O que eras, desapareceu; o que és, fui eu que o fiz. Eduquei-te o espirito, aclarei-te o entendimento, afeiçoei a tua alma á minha, ajustei os teus sentimentos aos meus. Surribei, semei, cultivei: — tu és o fructo do meu trabalho, a realisação do meu ideal, és a minha obra e o meu cuidado! E's a minha arvore, o meu jardim, o meu lar, a minha religião; — arvore plantada por mim, jardim por mim cultivado, lar formado pelo amor, religião creada pelo meu espirito e pelo meu raciocinio! E's ainda mais do que tudo isto, porque, por assim dizer, és a minha vontade, és a minha creatura! (*Beija-a phreneticamente*).

MARIA

Não tens medo?...

ANTONIO

Não.

MARIA

Effectivamente tens razão: eu não me pertenco; sou a tua obra. Obedecerei. (*Cae-lhe nos braços*.)

ANTONIO

Meu grande amor!

Eduardo Schwalbach.



Marcelino Mesquita
Auctor de «Envelhecer».

ENVELHECER

ULTIMO ACTO — *Ultima scena*

LUIZA

Eduardo? Eduardo?

EDUARDO

Ah! O inferno!

LUIZA

Não me esperavas ainda? Não podia esperar. O tempo passava arrastando-se. Mal almooei, vim. (*Vai a elle que a olha perplexo, querendo dominar-se*) Dá-me um beijo. Que tens, tu, que me não beijas? (*Beija-o, elle não a beija*) Tu não me beijas? Que é que tu tens, estás doente?

EDUARDO (*Sereno e frio*)

Não. É que nós não devemos beijar-nos, Luiza.

LUIZA

Porque?

EDUARDO

Porque os nossos beijos não são dignos.

LUIZA

Temo-nos beijado toda a vida.

EDUARDO

Não como agora.

LUIZA

Não me amas?

EDUARDO

Serenei. Tenho medo...

LUIZA

De que?

EDUARDO

De ti, de mim. Tu não devias ter vindo, aqui, como vieste Luiza; eu não devia receber-te.

LUIZA

Que mal faz que eu venha vêr-te, estar ao teu lado, beijar-te, ouvir-te? (*Arrasta o para o sofá*) Não és tu o meu melhor amigo? Não és tu a unica pessoa que me conhece, que me entende, que me ama, como eu quero ser amada? Não é ao teu lado que eu vivo, que eu sou feliz? Não offendemos, não insultamos ninguém com o nosso amor, onde está o mal?

EDUARDO

Elle virá.

LUIZA

Como?

EDUARDO

Logicamente, pela fatalidade das coisas. Não, não nos illudamos, não te illudas Luiza. Nós amamo-nos, hoje, como dois amantes que se desejam. Os teus beijos perturbam-me; estás ao pé de mim, as tuas mãos tremem nas minhas (*toma-lh'as*) como aves assustadas; os nossos olhos trahem um desejo intimo de caricias inconfessaveis. O que nos contém é o pudor que nos ficou de uma longa amizade, immaculada. E' muito pouco contra a tentação, contra a natureza que manda que se possuam, os que se amam na terra. (*Levanta-se passeia*) Nós não devemos mais vêr-nos, Luiza.

LUIZA

Voltas á mesma ideia! Deixares-me, ires-te!

EDUARDO

Melhor fôra que o tivesse feito, quando o quiz fazer e tu m'o prohibiste. Tudo estaria a esta hora sanado.

LUIZA (*Levanta-se de chofre*)

Enganas-te... completamente. Se me tivesses deixado, casada, presa e só, eu teria morrido, ou ter-me-hia morto!

EDUARDO (*Abracando-a allucinado*)

Oh! morto! a minha Luiza!

LUIZA (*Com convicção*)

Morto! (*Sentam-se*) Tu sabes bem se eu seria capaz de o fazer. (*Com grande ternura*) Mas tu não me deixaste então e não me deixarás, agora. Peço-t'o, Peço-t'o. (*Beija-lhe as mãos*) Tu não dirás que não. E's capaz de dizer que não á tua pobre Luiza? (*Olha-o com a maior ternura*).

EDUARDO

Não me tortures, querida; pelo amor de Deus, não ponhas o meu amor a provas sobrehumanas. Não posso dizer-te que sim; não o direi. Perdôa-me. (*Levanta-se. Luiza fica succumbida*) Appello para o teu espirito nobre, para a tua razão. No fundo da tua consciencia tu has de sentir que eu e tu somos culpados. Este não é o caminho claro, não é a estrada limpa das pessoas honestas. Estamos a andar n'um atalho cheio de lama. Não sahiremos limpos. (*Luiza chora*) Não chores! (*Vae ao pé d'ella, toma-lhe as mãos, amega-a*) Pelo amor de Deus, não chores! Será o ultimo dos supplicios. Será a loucura! (*Beija-lhe os olhos*) Luiza! Luiza! (*Ella serena mais*).

LUIZA (*Com um grito d'alma*)

Separarmo nos! A' força! Quando eu podia ter sido tua, dignamente; a tua companheira de toda a vida, a tua mulher! Ter sido tão feliz! Tua mulher!

EDUARDO

Essa ideia mata-me! Tu minha mulher, Luiza.

LUIZA

Foi o teu genio, o teu juizo austero que nos perdeu.

EDUARDO

Amarmo-nos hiamos tanto!



Final do 1.º acto



2.º acto



3.º acto